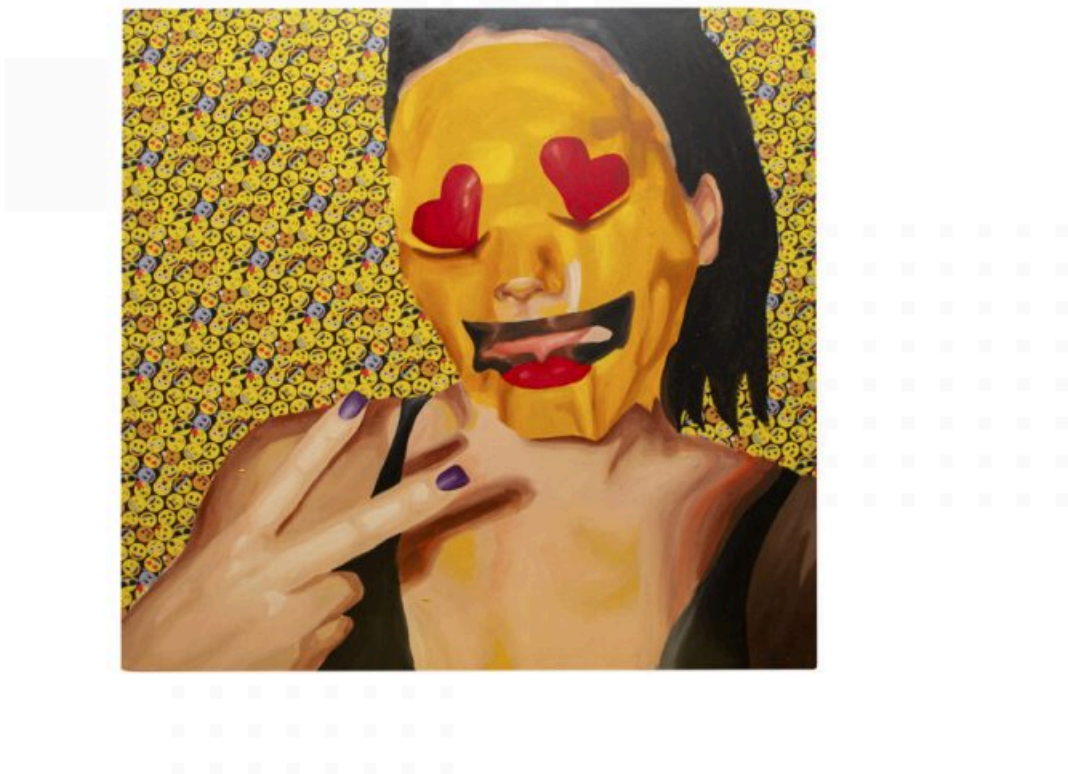


CULTURA

EXPOSIÇÃO NO CCBB SÃO PAULO TRANSFORMA MEMES EM ARTE E CRÍTICA SOCIAL

GABRIEL FUSARI 29/08/2025



Pamella Anderson (2019) | Blogueirinha Acrílica sobre tecido de emoji – Foto: Divulgação

Se memes são apenas piadas, por que incomodam tanto? E se são só entretenimento, por que também funcionam como crítica, memória e disputa de narrativa? Essas perguntas atravessam “**MEME: no Br@sil da memeficação**”, exposição que abriu no dia 27 de agosto no CCBB São Paulo e depois segue para Brasília, Belo Horizonte e Rio.

O Brasil é um dos maiores produtores de memes do mundo e, pela primeira vez, essa linguagem ganha espaço de grande porte em uma instituição cultural. A mostra, com curadoria de **Clarissa Diniz e Ismael Monticelli** e colaboração do perfil @newmemeseum, ocupa todos os andares do prédio com vídeos, instalações, esculturas, neons, pinturas e experiências digitais. A ideia não é oferecer um catálogo da produção memética, mas explorar seus efeitos políticos, estéticos e afetivos. “Talvez inverter a pergunta seja mais elucidativo: por que não encarar os memes como arte?”, provoca Clarissa. “Eles são manifestações culturais, estéticas e políticas intencionalmente produzidas. A questão é: precisamos mesmo do selo da arte para reconhecer sua potência?”.

O percurso passa de virais históricos como o “Sanduíche-iche-iche” às carretas da alegria, atravessando memes de WhatsApp e estereótipos do “homem da internet”, numa conversa que reúne artistas como Anna Maria Maiolino, Nelson Leirner, Claudio Tozzi e Gretta Sarfaty, ao lado de criadores como Porta dos Fundos, Melted Vídeos, John Drops, Alessandra Araújo e Greengo Dictionary. Para Monticelli, a força do fenômeno não está na definição de um “o que é” meme, mas no modo como ele atua na vida social. “Nos interessava pensar o meme como método, não como catálogo. Ele opera na linguagem, na política, na subjetividade e na cultura. Enquanto fazemos memes, os memes refazem o Brasil”.



Olimpíadas, 2017 | Dora Longo Bahia. Cortesia da Galeria Vermelho. Foto: Edouard Fraipont

Organizada em seis núcleos, a exposição abre com jogos entre texto e imagem em “Ao pé da letra”, segue para o protagonismo das vozes comuns em “À hora dos amadores”, investiga a paródia e a inversão em “Da versão à inversão”, discute a dramaturgia da autoexposição em “O eu proliferado”, examina a sátira política e os riscos da desinformação em “Combater ficção com ficção” e encerra em tom de provocação com “Memes: o que são? Onde vivem? Do que se alimentam?”, em parceria com o Museu de Memes da UFF. O visitante é recebido por onças da instalação “alisa meu pelo”, meme popular em 2023 que aqui ganha corpo multissensorial, acessível ao toque e ao som.

Clarissa lembra que a vocação memética do Brasil não nasceu com a internet. Carnaval, bordões de TV, pichações e outdoors já carregavam esse mesmo espírito de humor coletivo e crítico. É nesse ponto que a exposição provoca: o que acontece quando política, publicidade e arte se doam ao formato da zoeira? O que significa quando o improvisado e o “malfeito” se transformam em estética deliberada?



No fim, a ideia não é que o público saia com respostas, mas com interrogações. “Ficaremos realizados se saírem com dúvidas”, diz Clarissa. “A memeficação cultiva a pergunta, motor da crítica”. Monticelli complementa: “Os memes são talvez a maior escola de arte que o Brasil já teve. Uma linguagem viva que circula, improvisa e nos obriga a repensar o país diariamente”.

Não se trata de mapear piadas virais; a exposição mostra como o humor se tornou ferramenta política, campo de disputa simbólica e espaço de pertencimento. Em um país que se reinventa pela criatividade coletiva, o meme aparece como retrato do presente.